

O
CHEFE



E A

ESTAGIÁRIA

ELA ENTROU COMO ESTAGIÁRIA. E SAIU COMO O MAIOR DESAFIO DA SUA VIDA.

BRUNA MAIA





BRUNA MAIA

O CHEFE E A ESTAGIÁRIA

1º Edição

2025

Este material **foi enviado e devidamente autorizado pelo responsável legal**, permitindo sua disponibilização gratuita e integral por meio da plataforma **BaixeLivros.com.br**

O acesso ao livro está disponível **exclusivamente** através da plataforma Baixe Livros, conforme autorização do responsável pela obra. Caso deseje compartilhá-lo fora deste ambiente, é necessário obter a devida permissão.

Além disso, a licença gratuita concedida para este material poderá ser alterada futuramente a critério do autor.

O site **Baixe Livros** reforça seu compromisso com a ética e a valorização do trabalho dos autores, tradutores e editores, promovendo o acesso responsável à leitura.

Para ler este e outros títulos, acesse:
www.baixelivros.com.br

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	4
CAPÍTULO 2	11
CAPÍTULO 3	20
CAPÍTULO 4	29
CAPÍTULO 5	36
CAPÍTULO 6	46
CAPÍTULO 7	60
CAPÍTULO 8	66
CAPÍTULO 9	77
CAPÍTULO 10	89
CAPÍTULO 11	98
CAPÍTULO 12	108
CAPÍTULO 13	118
EPÍLOGO – O QUE FICA DEPOIS DA TEMPESTADE	127

CAPÍTULO 1

Acordar atrasada no primeiro dia de um estágio importante definitivamente não era o que eu tinha planejado para minha estreia na Trindade Engenharia.

Na noite anterior, eu havia jurado que colocaria pelo menos três alarmes, mas, no calor do momento — e na temperatura confortável da minha cama —, achei que um só bastaria.

Não bastou.

7h45.

Levei um segundo para processar, outro para entrar em pânico e o terceiro para sair da cama como se estivesse pegando fogo.

Tropecei no tapete, bati a canela na quina da cômoda e, ainda assim, consegui vestir uma calça social levemente amassada e uma blusa branca que estava, no máximo, passável.

— Primeira impressão é tudo, Ana. Arruma esse cabelo.

Puxei os fios para trás num coque que não inspirava confiança, joguei um pouco de pó no rosto para parecer menos exausta e enfiei os pés num salto que, eu tinha certeza, seria meu maior arrependimento no fim do dia.

Se ao menos eu soubesse que esse seria o menor dos meus problemas.

Saí de casa praticamente correndo. O ônibus demorou mais do que deveria e, quando finalmente cheguei ao centro da cidade, uma garoa fina já começava a transformar a calçada numa armadilha mortal para saltos altos.

Equilibrando minha bolsa, um café de última hora e meu celular vibrando com mensagens da minha melhor amiga me desejando boa sorte (spoiler: eu precisaria), virei a esquina sem olhar para frente.

E foi aí que aconteceu.

Antes mesmo de entender o que estava acontecendo, eu senti.

Um impacto forte. Duro. Como se eu tivesse batido contra um muro que, por alguma razão, segurava um café quente.

O cheiro de café forte invadiu minhas narinas no exato momento em que senti o calor líquido encharcando o tecido de outra pessoa.

Meus olhos desceram devagar, como se minha mente estivesse tentando me dar tempo para processar a tragédia.

O terno dele.

Cinza escuro. Perfeito. Agora com uma mancha marrom gigantesca no peito.

— Poxa! — A palavra escapou antes que eu pudesse pensar.

Então, ergui o olhar.

E me arrependi imediatamente.

Ele era alto, muito mais do que eu, mesmo com meu salto. O rosto tinha traços austeros, o tipo de homem que não precisava abrir a boca para impor respeito.

Mas o olhar dele...

Cinza. Intenso. Nada amigável.

Ele respirou fundo, o maxilar travando, como se estivesse tentando reunir paciência para não me estrangular ali mesmo.

— Você só pode estar brincando comigo.

O tom era baixo, controlado, mas carregado daquela exaustão que só alguém que já teve um péssimo dia pode ter.

— Eu... foi um acidente! — Meu instinto de sobrevivência me fez falar rápido, antes que ele decidisse me processar. — Me deixa pagar a lavagem do seu terno!

Ele soltou um riso curto e seco. Não era um riso real. Era mais uma reação de puro deboche, como se o destino estivesse rindo da cara dele e eu fosse só mais um detalhe nesse dia miserável.

— Você sabe quanto custa lavar um terno como esse?

— Imagino que não seja barato...

— Não, não é.

Ótimo. Maravilhoso.

Se a minha intenção era começar bem o primeiro dia de estágio, eu estava me saindo incrivelmente mal.

Abaixei rapidamente, pegando alguns papéis que tinham caído no impacto. Minha mão tremia um pouco, mas consegui empilhá-los e entregar de volta.

Antes que ele pudesse simplesmente me ignorar e seguir em frente, peguei um dos cartões de visita recém-impressos da minha bolsa e entreguei a ele.

— Aqui. — Disse, ainda meio ofegante. — Me manda o valor depois que levar para a lavanderia. Sêrio, eu faço questão.

Ele pegou o cartão sem pressa, seus olhos analisando primeiro o papel, depois a minha cara. E, por um breve segundo, achei que ele parecia surpreso.

Surpreso pela minha ingenuidade? Pela coragem de não sair correndo? Vai saber.

Mas ele não disse nada. Apenas me lançou um último olhar de puro tédio, como se já tivesse gasto energia demais comigo, e se afastou.

Ótimo. Primeiro desastre do dia concluído.

Agora só faltava chegar ao estágio e tentar não estragar mais nada.

Eu sabia que essa vaga tinha sido super concorrida, mas eu tinha conseguido. Mesmo que o estágio fosse parte de um programa de incentivo do governo, que garantisse descontos fiscais para empresas que contratassem estudantes, eu queria acreditar que meu currículo também contou.

Na recepção, me apresentei e a atendente me olhou de cima a baixo antes de dizer:

— Ana Motta? Siga-me.

Ela não disse mais nada enquanto entrávamos no elevador. Mas minha empolgação venceu a prudência, e antes que eu pudesse me conter, perguntei:

— O meu serviço aqui será mais para atuar na gerência dos negócios ou na realização de ações de planejamento e desenvolvimento?

Ela me olhou pelo canto dos olhos e sorriu. Um sorriso debochado.

A resposta veio no silêncio.

Algo me dizia que eu não ia gostar nada do que me esperava.

No andar da diretoria, fui direcionada para outra recepcionista, uma senhora simpática que sorriu ao ouvir meu nome.

— Ah, você é a nova estagiária! Pode entrar, o senhor Trindade está te aguardando.

— Você sabe exatamente qual será minha função? — perguntei, tentando disfarçar a apreensão.

Ela riu.

— Você trabalhará diretamente com o Senhor Tomás Trindade. O CEO da empresa.

Meu mundo parou.

— O quê? — Eu pisquei, como se ela tivesse falado grego. — Como assim?

O CEO? O dono da Trindade Engenharia?

Sem me dar tempo de reagir, a recepcionista apenas apontou para a porta.

Meus pés se moveram sozinhos.

Entrei.

Ele estava de costas, observando a cidade pela janela.

Meu coração já estava disparado.

— Com licença, senhor Trindade, sou Ana, a nova estagiária.

Ele não se virou de imediato.

— Bem-vinda. Pode se informar com a senhora Bete sobre o que precisa fazer. Infelizmente, estou em um mau dia hoje.

Foi quando ele se virou.

E eu congelei.

O cara do café.

Meu chefe.

E foi assim que eu soube, com absoluta certeza, que meu estágio de três meses seria um pesadelo.

CAPÍTULO 2

Eu tinha certeza absoluta de que seria demitida.

Aliás, se alguém me perguntasse, eu diria que Tomás Trindade não só ia me demitir, como ainda ia fazer questão de me escoltar até a porta pessoalmente.

Mas ele não fez isso.

Em vez disso, ele pegou um papel de dentro da pasta, deslizou sobre a mesa e cruzou os braços, me encarando com aquele olhar cinza afiado e irritante.

Eu sabia o que era antes mesmo de pegar.

O valor da lavanderia.

— Três mil, duzentos e cinquenta reais. — Ele anunciou, casualmente, como se estivesse comentando sobre o tempo. — O equivalente a um salário seu.

— Você está brincando comigo.

Ele ergueu uma sobrancelha.

— Você me vê rindo?

A resposta era não. Ele não ria. Nem um canto de lábio levantado. Só aquele olhar de pura análise, como se estivesse calculando minha reação.

— Então é isso? — Cruzei os braços, desafiando ele no mesmo tom seco. — Você vai me fazer pagar um salário inteiro por um erro honesto?

Ele pegou o cartão de visita que eu tinha dado a ele no dia do café e, sem pressa alguma, amassou e jogou no lixo.

— Não preciso do seu dinheiro.

Eu travei.

— Então por que me fez olhar para esse papel?

Ele sorriu de lado. O primeiro sorriso que eu via nele, e, claro, era um sorriso debochado.

— Para que você entendesse que eu poderia demitir você agora mesmo.

Minha respiração falhou por um segundo.

Ele se inclinou na cadeira, girando a caneta entre os dedos.

— Mas não vou fazer isso. Ainda.

— "Ainda"?

— Eu separo muito bem o profissional do pessoal, senhorita Motta. — Ele disse, num tom casual, mas carregado de intenção. — Pessoalmente, eu gostaria muito de nunca mais olhar para sua cara. Profissionalmente... eu preciso de uma secretária.

Houve um instante de silêncio entre nós.

E então ele pegou o papel com o valor da lavanderia, amassou e jogou no lixo, bem ao lado do meu cartão de visita.

— Então, pode ir. E, por favor, tente não destruir nada no caminho.

Ele voltou a olhar para a tela do computador, me dispensando como se eu não existisse mais.

Eu só pisquei, ainda absorvendo a humilhação, e saí da sala sem dignidade nenhuma.

Senhora Bete estava esperando por mim do lado de fora, parecendo se divertir horrores com a cena.

— Ah, então ele decidiu não te jogar para fora da janela. Já é um avanço.

Eu soltei um suspiro longo, passando as mãos no rosto.

— Pior. Ele me manteve.

Ela rindo não ajudava em nada.

— Então, parabéns. Você sobreviveu ao primeiro round.

Joguei meu corpo contra a cadeira vazia ao lado dela.

— Eu não entendo. Eu sou estagiária de Administração. Por que estou aqui?

— Porque você é a nova secretária dele.

Eu congelei.

— O quê? Não, não. Isso deve ser algum erro. Eu deveria estar na parte estratégica, aprendendo sobre planejamento de negócios, gerência...

— E você vai aprender tudo isso. — Ela disse, com um sorriso que eu não gostei nem um pouco. — De um jeito bem mais prático do que imaginava.

— Bete. — Usei meu tom mais sério. — Eu deveria estar em outro setor.

Ela me olhou nos olhos, e foi nesse momento que percebi que toda a brincadeira sumiu do rosto dela.

— Ana, escuta uma coisa. — Sua voz ficou mais baixa. Mais real. — Você tem duas opções: aceita esse emprego e usa isso para o seu currículo, ou sai agora e tenta a sorte em outra empresa. Mas vou ser honesta com você: está difícil para todo mundo. Esse salário pode te ajudar.

Apertei os lábios.

Porque ela tinha razão.

Esse dinheiro faria diferença em casa. Eu não tinha outra oferta na manga.

Minha visão idealista de como esse estágio seria desmoronou em tempo recorde.

A vida não funcionava do jeito que eu tinha planejado.

Suspirei, derrotada.

— Onde fica minha mesa?

Ela sorriu, vitoriosa, e apontou para uma estação de trabalho bem em frente à sala de Tom.

Ótimo.

Maravilhoso.

Enquanto organizava alguns arquivos, eu percebi que Bete me olhava de um jeito que indicava que ainda não tinha acabado de me torturar com informações.

— Você quer saber o que aconteceu com as outras secretárias?

Parei o que estava fazendo e cruzei os braços.

— Quantas foram antes de mim?

— Cinco.

— Cinco?!

Ela assentiu, como se isso fosse completamente normal.

— Nenhuma delas durou mais do que três meses.

Meu estômago afundou.

— Por quê?

— Porque nenhuma delas conseguia acompanhar o ritmo dele.

Franzi a testa.

— Ele não é só exigente?

Ela soltou uma risada curta.

— Ele é insuportável.

— Ótimo. Agora estou empolgadíssima para continuar aqui.

Ela riu de novo e pegou alguns papéis, me entregando.

— Se quiser sobreviver, comece por isso. Analise e organize todos os eventos, reuniões e compromissos dele. Tom não repete ordens, e ele detesta bagunça.

— E se eu errar?

— Melhor não errar.

Ótimo. Agora, além de estar presa nesse emprego, eu tinha que ser perfeita nele.

Eu nunca pensei que trabalhar sentada pudesse ser tão exaustivo.

Mas quando o relógio marcou seis da tarde, eu estava mentalmente esgotada.

Revisar contratos, marcar reuniões, entender o ritmo insano de um chefe que não parava um segundo... aquilo me sugou toda a energia.

Ao sair do prédio, sentindo meus olhos arderem de cansaço, eu percebi que aquele não era o estágio que eu tinha sonhado.

Mas era o que eu tinha.

Era o que eu precisava.

A vida não funciona da maneira como a gente quer.

Às vezes, a gente entra para aprender gerência e acaba servindo café para um chefe insuportável.

Suspirei, olhando para o céu já escurecendo.

Amanhã seria outro dia.

E eu precisava estar pronta para sobreviver a ele.

CAPÍTULO 3

Meu primeiro dia oficial como secretária de Tomás Trindade começou com um erro de cálculo gravíssimo:

Eu achei que seria só um estágio.

Mas ali estava eu, sentada no canto da sala de reuniões, tentando entender o caos financeiro que era a Trindade Engenharia.

A reunião começou pontualmente às oito. Tom não tolerava atrasos.

A mesa de vidro refletia a seriedade do ambiente. Havia cerca de dez pessoas ali dentro: diretores, gestores e alguns advogados. Todos com olhares carregados de preocupação.

O motivo?

A reestruturação da empresa.

E foi aí que eu percebi que as coisas estavam ruins.

Muito ruins.

Minha função era apenas acompanhar e fazer anotações para o Tom. Eu não deveria interagir.

Então, fiquei calada, ouvindo e escrevendo.

Os diretores apresentavam números alarmantes.

— Tivemos uma queda de 30% nos contratos ativos.

— Empresas estão reincidento parcerias devido à instabilidade do mercado.

— Os custos de operação aumentaram, e nosso fluxo de caixa está apertado.

Tom ouvia em silêncio, os dedos tamborilando levemente na mesa.

Eu anotava tudo. Cada dado, cada número.

Até que, de repente, ele falou:

— Temos que considerar uma parceria com a Norton Engenharia.

O silêncio que se seguiu foi pesado.

Os olhares dos executivos foram de preocupação para puro desconforto.

— Tom... você tem certeza? — Um dos diretores ajustou a gravata, visivelmente desconfortável.

— A Norton tem estabilidade financeira. — Tom disse, simplesmente.
— Se nos unirmos a eles, conseguiremos fôlego para os próximos meses.

A sala permaneceu tensa.

Todos sabiam que a Norton era uma empresa questionável. Mas ninguém teve coragem de contestar abertamente.

Tom não recuou nem um centímetro.

— Pensem nisso.

E foi isso.

O assunto ficou em aberto.

A reunião acabou.

E eu fiquei absorvendo tudo aquilo, tentando entender o tamanho do problema em que eu estava metida.

Eu seguia atrás dele, ainda segurando o caderno de anotações quando ele parou abruptamente no corredor.

— Senhorita Motta.

Eu quase trombei nele.

— Sim?

Ele se virou, os olhos cinza analisando minha expressão.

— Me diga uma coisa. Baseada na reunião de agora, qual é a melhor estratégia para estabilizar a empresa?

Minha mente entrou em alerta.

— Bom... — Ajustei a postura, tentando parecer profissional. — Se a empresa está com uma taxa de cancelamento de contratos em crescimento, a solução mais lógica seria reavaliar as áreas de maior impacto financeiro, reduzir custos desnecessários e buscar maneiras de aumentar a liquidez sem comprometer a operação principal.

Ele me olhou com uma expressão indecifrável.

— E a parte prática?

Eu pisquei.

— Como assim?

— Ana, teoria é bonita. Mas na prática... como se reduz custos quando não há margem?

Abri a boca, mas não soube responder imediatamente.

Ele continuou:

— Demitimos funcionários? Cortamos benefícios? Atrasamos pagamentos? Porque são essas as decisões reais que acontecem.

Ele deu um passo à frente, mantendo o olhar fixo no meu.

— A administração no papel é perfeita. Na vida real, é um campo de guerra. E você ainda precisa aprender a jogar.

Eu fiquei sem palavras.

Nunca ninguém tinha me explicado as coisas daquele jeito.

E aquilo... mexeu comigo.

De volta à sala de Tom, me concentrei no trabalho, mas algo me chamou atenção.

Ele estava assinando documentos quando a faxineira entrou.

— Com licença, Sr. Trindade, posso limpar aqui?

Ele imediatamente recuou, pegando os papéis e saindo da mesa para dar espaço.

— Claro, dona Iraci. Fique à vontade. Como está seu neto?

Ela sorriu surpresa.

— Melhorando. Obrigada por perguntar, Sr. Trindade.

— Se precisar de algo, me avise.

Eu fiquei parada, boquiaberta.

Ele era grosso comigo, com os diretores, com qualquer um que tivesse uma gravata e um cargo alto...

Mas com a faxineira? Gentil. Atencioso. Quase... humano.

Por um momento, fiquei presa na cena, tentando decifrar aquilo.

Mas minha empolgação acabou rápido.

Peguei minhas anotações e fui até a mesa dele.

— Aqui está o resumo da reunião, senhor.

Ele pegou o papel. Olhou por alguns segundos.

E então, sem nem piscar, amassou e jogou no lixo.

Eu pisquei várias vezes, chocada.

— O quê? Você nem leu!

Ele me olhou com tédio.

— Se eu quisesse um resumo da reunião, eu mesmo faria.

Eu apertei os lábios, respirando fundo para não jogar um grampeador na cabeça dele.

Aquele homem era insuportável.

O resto do expediente seguiu em silêncio absoluto.

Já era final do dia quando o celular dele tocou.

Ele atendeu no mesmo instante.

— Oi, filho.

Eu congelei.

A voz dele mudou completamente.

Antes séria e cortante, agora baixou para um tom mais suave.

Ele escutou por alguns segundos e sorriu.

— Sim, eu passo aí para te buscar.

Ele se levantou, pegou as chaves e saiu da sala sem dizer nada.

Era o filho dele.

Tomás Trindade frio, arrogante e sem paciência com ninguém... tinha um filho.

Assim que ele saiu, meus olhos pousaram sobre a mesa dele.

E então, eu vi.

Um pequeno cartão, preso sob um peso de papel.

Uma única frase escrita, como se fosse um lembrete para ele mesmo.

"Seja forte por ele."

Meu coração deu um aperto estranho.

Porque, por mais que eu quisesse ignorar, por mais que Tomás Trindade fosse um chefe insuportável...

Talvez, só talvez, ele fosse mais do que isso.

CAPÍTULO 4

Um mês havia se passado desde que eu entrara na Trindade Engenharia, e, ao contrário do que muitos pensam, o tempo não necessariamente traz conforto. Algumas pessoas levam semanas para se adaptar a um ambiente novo, para entender as regras não escritas, para decifrar aqueles que estão no comando. No meu caso, eu ainda tentava entender como sobreviver a Tomás Trindade.

Ele não era simplesmente exigente. Ele era intransigente. Tudo precisava seguir um padrão impecável, cada detalhe da empresa passava pelo crivo dele, e qualquer coisa que não fosse eficiente era descartada sem hesitação. Seu foco era absoluto, seu compromisso inquestionável. Mas, mais do que isso, sua resistência ao erro era inflexível.

E talvez fosse por isso que a reunião com a TechHaus, uma das maiores empresas do setor, fosse vista como a chance real de recuperação da Trindade Engenharia. Era o divisor de águas. Se conseguíssemos essa parceria, poderíamos voltar a crescer. Se falhássemos, não haveria plano B.

Exceto que, ironicamente, havia um plano B. Um que ninguém sabia que existia.

Nas semanas que antecederam a reunião, a equipe trabalhou com intensidade insana. Dias e noites inteiros foram gastos aperfeiçoando cada slide da apresentação, cada projeção de crescimento, cada gráfico que seria exibido

diante dos investidores da TechHaus. O projeto original era tecnicamente sólido. Mas para mim, faltava algo.

Observando a estrutura da proposta, notei que o foco estava exclusivamente nos números, nas margens de lucro, nas previsões otimistas de crescimento. Não havia inovação. Não havia um diferencial que fizesse a TechHaus olhar para a Trindade Engenharia e enxergar algo único, algo que justificasse o investimento.

Eu não era tola. Sabia que ninguém me ouviria. Não era o meu papel opinar sobre o projeto. Eu era uma estagiária – uma secretária, para ser mais exata. Meu trabalho era organizar cronogramas, filtrar e-mails e garantir que Tom tivesse tudo que precisava à disposição. Meu trabalho não era questionar uma equipe de gestores experientes.

Então, não questionei.

Mas também não ignorei.

Em segredo, refiz toda a apresentação do zero.

Não por arrogância, não porque achava que minha ideia era superior. Mas porque precisava testar minha própria capacidade de estruturar uma proposta de impacto.

O que criei foi uma versão enxuta, arrojada, dinâmica. Mantive as projeções financeiras, mas as alinhei com um modelo de inovação dentro do

setor, destacando como a Trindade poderia oferecer não apenas resultados, mas algo novo.

E então, guardei o projeto.

Sem expectativas.

Sem intenção de mostrá-lo.

Apenas como um exercício pessoal.

Até que o inevitável aconteceu.

O dia da apresentação chegou.

A equipe estava preparada, cada detalhe ensaiado exaustivamente. O pen-drive com a apresentação original fora testado inúmeras vezes. Nada poderia dar errado.

Mas deu.

Faltavam vinte minutos para a reunião quando um dos diretores percebeu algo aterrorizante:

Os arquivos estavam corrompidos.

Nenhuma versão de backup acessível. Nenhuma forma de recuperar o tempo. O projeto inteiro estava comprometido.

O que se seguiu foi um desespero contido, mas avassalador. Pessoas se entreolhavam em choque, como se não acreditassem no que estava acontecendo. Telefones foram sacados, e-mails foram abertos freneticamente. Mas era tarde demais.

Eu vi o momento exato em que Tomás percebeu que a reunião poderia estar arruinada. Seu olhar não mudou. Seu rosto permaneceu impassível, mas o silêncio que se seguiu foi ensurdecedor.

E foi nesse instante que falei.

Baixo, quase hesitante, mas audível o suficiente para cortar o ar carregado da sala.

— Eu tenho uma apresentação alternativa.

O impacto foi imediato.

Todos os olhares se voltaram para mim.

Tomás arqueou uma sobrancelha, mas não disse nada. Apenas esperou que eu explicasse.

E então eu expliquei.

Fiquei de pé pela primeira vez em uma reunião de verdade.

Minha voz era firme, minha postura era controlada. Se eu duvidasse de mim naquele momento, todos os outros duvidariam também.

Não era o que eles esperavam.

Mas era o que eles tinham.

A apresentação foi objetiva. Conduzi as explicações com segurança, destaquei as vantagens da proposta, a flexibilidade do plano, a viabilidade real da ideia. Os olhares que antes carregavam dúvida começaram a mudar. Primeiro ceticismo. Depois interesse. Por fim, aceitação.

E durante todo o tempo, Tomás não tirou os olhos de mim.

Ele estava analisando.

Quando terminei, o gestor da Trindade, ajustou os óculos e se inclinou levemente na cadeira.

— Isso foi inesperado. E bastante interessante. Vamos considerar.

E foi ali, naquele instante, que percebi que tinha conseguido.

Depois do caos da reunião, depois do desgaste emocional de manter a calma sob pressão, eu só queria sumir.

Mas Tomás não permitiu.

Ele apareceu ao lado da minha mesa, sem aviso, e simplesmente disse:

— Vamos sair para comer alguma coisa.

Não foi um convite.

Foi uma ordem.

E por algum motivo, eu obedeci.

Sentamos em uma cafeteria discreta, afastada do escritório. O clima estava diferente – não amigável, mas menos intenso.

Ele tomou um gole do café sem pressa, como se estivesse testando as palavras antes de soltá-las no ar.

— Você salvou a apresentação hoje.

— Foi puro acaso.

— Foi competência.

Eu o encarei, surpresa com o elogio direto.

Ele não se repetiu. Apenas me analisou por um instante e então desviou o olhar.

E quando voltou a falar, havia algo mais pesado ali.

— Eu nunca quis estar aqui.

Deixei o café de lado e franzi a testa.

— Como assim?

— Essa empresa. Esse cargo. Nada disso foi uma escolha.

Houve um silêncio curto, mas cheio de significado.

— Então por que continua?

Ele soltou um riso breve, sem humor.

— Porque, às vezes, a vida não nos dá escolha.

Eu entendi.

Eu entendi perfeitamente.

E pela primeira vez desde que entrei naquela empresa, vi Tomás Trindade não como um empresário frio e calculista, mas como um homem preso a algo que nunca quis.

Apenas como alguém tentando sobreviver.

E talvez, só talvez, eu soubesse exatamente como era isso.

CAPÍTULO 5

A parceria com a TechHaus não estava fechada, mas o interesse demonstrado na última reunião tinha colocado a Trindade Engenharia em um novo patamar de esperança. O ambiente ainda era tenso, a empresa ainda estava em risco, mas a atmosfera de desespero deu lugar a uma tensão produtiva.

Mas, como era de se esperar, não demorou para que novos problemas surgissem.

Naquela manhã, eu me mantinha focada na organização das próximas reuniões e na estruturação de um novo planejamento estratégico para as equipes, quando Tomás apareceu ao lado da minha mesa.

— Venha comigo.

Como de costume, nenhuma explicação. Apenas a ordem.

Guardei minhas anotações e o segui até a sala de reuniões, onde dois novos rostos estavam sentados confortavelmente.

O primeiro era um homem elegante, mas com uma postura mais relaxada do que deveria ter. Seu terno era impecável, mas ele o usava como quem está habituado a ser notado e aplaudido. Ele transmitia aquele tipo de confiança que não vem apenas da competência, mas da certeza de que ninguém ousaria desafiá-lo.

A segunda figura era uma mulher.

Alta, magra, e vestida com um refinamento calculado. Os cabelos estavam presos em um coque sofisticado, e o batom vermelho profundo contrastava perfeitamente com a expressão fria e segura. Havia algo de perigosamente sutil nela, como se cada palavra que saísse de sua boca fosse estrategicamente pensada.

Tomás fechou a porta e foi direto ao ponto.

— Ana, este é Miguel Norten, CEO da Norten Engenharia. E essa é Cecília Norten, sua irmã.

Meu cérebro precisou de alguns segundos para processar o que estava acontecendo.

Norten Engenharia.

O nome não era estranho para mim.

Mas o que me pegou de surpresa foi o jeito que Tomás e Miguel se olharam.

Não havia tensão. Não havia desconfiança.

Havia... história.

E foi aí que eu percebi.

Miguel não era apenas um CEO concorrente. Ele era amigo de Tomás.

E isso tornava tudo muito mais complicado.

Miguel foi o primeiro a falar.

— Então essa é a nova secretária? A outra, já dispensou?

Seu tom era divertido, quase brincalhão.

Ele se levantou e estendeu a mão para mim. Seu aperto era firme, mas diferente do de Tomás. Enquanto Tomás transmitia domínio e frieza, Miguel parecia descontraído e carismático.

— Ouvi dizer que você salvou a última reunião. Impressionante.

Não respondi imediatamente. Ainda estava tentando entender a dinâmica entre os dois.

— Faço o que posso. — Disse, mantendo a neutralidade.

Miguel sorriu.

— Isso já é um bom sinal. Trabalhar com o Tom não é fácil. Ele sempre foi... bem, você já deve saber.

Definitivamente havia um histórico ali.

Tomás não reagiu à provocação, o que, por si só, já era uma resposta.

Então, Cecília falou.

— Sinceramente, Tom, estou surpresa que você tenha contratado alguém que realmente faça alguma diferença.

A voz dela era precisa, levemente carregada de ironia.

Tomás a olhou de forma breve, mas não respondeu.

E aquilo dizia muito mais do que qualquer resposta poderia dizer.

A conversa não se arrastou por muito tempo.

Miguel não estava ali apenas para jogar conversa fora.

— Você sabe que essa parceria faz sentido. — Ele disse, direto. — A TechHaus ainda não confirmou nada. Enquanto isso, podemos fortalecer nossas bases juntos.

Cecília cruzou as pernas lentamente, sua postura indicando que já esperava resistência.

— Se há alguém que pode salvar sua empresa, Tom, somos nós.

Meu instinto me dizia que Miguel falava de negócios.

Mas Cecília...

Cecília falava de algo mais.

Tomás se inclinou para frente.

— Eu não estou desesperado.

O sorriso de Cecília se alargou.

— Ainda não.

O silêncio entre os três foi denso.

Não houve um acordo.

Mas também não houve uma recusa.

E quando Miguel e Cecília saíram, ficou claro que a proposta estava no ar.

Mas o que realmente me incomodou foi algo sutil.

O jeito que Cecília olhava para Tomás.

Aquilo não era apenas interesse comercial.

A reunião mal havia terminado e Tomás já estava de volta ao trabalho, como se o encontro com Miguel e Cecília fosse apenas mais uma distração temporária.

Mas, de repente, ele parou.

Pegou o celular, leu uma mensagem e franziu levemente a testa.

Então, sem levantar os olhos, simplesmente disse:

— Você vai buscar Matheus na escola.

Demorei um segundo inteiro para processar.

— O quê?

Ele finalmente olhou para mim.

— A pessoa que iria buscar não pode mais. Eu não posso sair. Você está disponível. Então vá.

— Mas eu nunca nem vi seu filho.

— Ótimo. Agora vai ver.

Simples assim.

E foi assim que, antes que eu pudesse discutir, eu estava a caminho da escola de Matheus Trindade.

Se havia uma certeza que eu tinha antes de conhecê-lo, era a de que Matheus se pareceria com o pai.

Mas eu não estava preparada para o quanto.

Ele tinha o mesmo olhar cinza intenso, o mesmo jeito de cruzar os braços ao me analisar como se eu fosse um problema a ser resolvido.

— Quem é você?

A pergunta foi direta.

— Ana. Trabalho com seu pai. Hoje eu vim te buscar.

Ele não se moveu. Apenas continuou me observando.

— Você sabe onde fica minha casa?

— Sim.

— Tem certeza?

— Absoluta.

Ele finalmente pegou sua mochila e veio comigo. Sem protestar. Sem hesitação.

Apenas aceitando a situação como se estivesse calculando os riscos.

Tão parecido com Tomás.

O caminho foi silencioso. Matheus não parecia o tipo de criança que falava à toa.

Então eu esperei.

E, eventualmente, ele quebrou o silêncio.

— O que você faz com o meu pai?

— Organizo reuniões, resolvo problemas e tento garantir que ele não seja insuportável o tempo todo.

Ele soltou um riso curto.

— Ele é sempre insuportável.

Sorri.

— Pelo menos concordamos nisso.

Depois disso, ele relaxou.

E, antes de sair do carro, olhou para mim.

— Você vai estar lá amanhã? No escritório?

— Sim.

Ele apenas assentiu.

— Então tá bom.

E entrou em casa sem olhar para trás.

Mas algo naquela frase... me atingiu de um jeito que eu não esperava.

Porque, de alguma forma, eu sabia que minha presença ali começava a significar algo.

Talvez mais do que eu deveria permitir.

CAPÍTULO 6

A manhã da reunião com a TechHaus começou com um problema que ninguém além de mim parecia considerar importante: meus sapatos.

Eu tinha planejado usar um salto discreto e elegante para a ocasião, mas um desastre envolvendo café e uma pressa absurda para sair de casa me fez pegar o primeiro par que encontrei no armário.

Erro fatal.

Assim que pisei no escritório, percebi o equívoco.

Os sapatos eram horríveis.

Não apenas feios, mas vergonhosamente feios. Eram um modelo antigo, de um bege apagado que parecia ter sido retirado do fundo de um brechó abandonado. E, para piorar, eram um número maior que o meu pé.

O que significava que, além de parecer uma idosa perdida em um evento corporativo, eu ainda precisava andar com cautela para não tropeçar e cair na frente de todos.

Ótimo.

Simplesmente perfeito.

Como se a reunião mais importante do ano não fosse pressão suficiente, agora eu estava fadada a enfrentar o julgamento silencioso de saltos socialmente inaceitáveis.

Mas, aparentemente, Tomás Trindade não estava nem um pouco interessado no meu dilema fashion.

Porque, assim que me viu, simplesmente disse:

— Vamos.

E eu fui.

O caminho para a sala de reuniões foi interrompido no corredor quando Cecília Norton apareceu.

Ela vestia um terninho azul-marinho impecável, com um corte perfeito que gritava dinheiro e influência. Mas o que realmente chamou minha atenção foi o par de sapatos que ela usava.

Altos. Elegantes. Perfeitos.

E Tomás também percebeu.

Ele parou ao lado dela, observou-a por um instante e então falou, sem emoção alguma na voz:

— Bons sapatos.

Eu nunca tinha visto Cecília tão satisfeita.

Ela ergueu levemente o queixo, sorrindo como se acabasse de vencer um prêmio invisível.

— Obrigada, Tomás. — Seu tom era quase sedoso. — São novos. Chegaram ontem de Milão.

Ele assentiu, sem sorrir.

E então, disse a frase que fez minha alma congelar.

— Dê-os para Ana.

Silêncio.

Um silêncio absoluto, esmagador, brutal.

O sorriso de Cecília desapareceu instantaneamente.

— O quê?

— Os sapatos. Tire-os. Agora.

Meu cérebro entrou em pane.

Eu pisquei, incapaz de processar o que estava acontecendo.

Cecília arregalou os olhos, chocada e furiosa ao mesmo tempo.

— Tomás, você só pode estar brincando.

— Estou falando sério. Ana está indo para a reunião. Não pode entrar lá com esses... — Ele me lançou um olhar rápido, os lábios se apertando ligeiramente. — Esses sapatos.

Eu senti meu rosto queimar.

Que humilhação.

Eu estava entre um homem que não hesitava em dar ordens como um rei medieval e uma mulher que estava pronta para me matar com um olhar.

— Isso é ridículo! — Cecília protestou, sua voz carregada de incredulidade. — Você quer que eu tire meus sapatos? Aqui? No meio do corredor?

Tomás não piscou.

— Exato.

Cecília olhou para mim, como se eu tivesse alguma culpa na situação.

Eu queria dizer algo, minimizar o desastre, recusar a oferta.

Mas Tomás já estava impaciente.

— Cecília. — Sua voz caiu uma oitava.

Ela bufou, furiosa, mas começou a tirar os sapatos.

A indignação era tão profunda que seus movimentos pareciam quase dramáticos.

Quando terminou, me lançou um olhar assassino antes de passar por nós e desaparecer pelo corredor.

Tomás pegou os sapatos dela e os entregou para mim, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

— Vista-os.

Ainda um pouco atordoada, obriguei-me a trocar os sapatos horríveis pelos novos.

A diferença era absurda.

Eles eram macios, firmes, perfeitamente ajustados.

E caros. Muito caros.

Tentei encontrar palavras para descrever o quão desconfortável eu estava com aquilo.

Mas ele apenas me analisou por um segundo antes de dizer, com aquele tom neutro irritante:

— Agora sim. Vamos.

A sala da TechHaus era imponente.

Com janelas panorâmicas e uma mesa de vidro espelhado no centro, o espaço exalava poder e influência.

O representante da empresa, um homem na casa dos cinquenta, sentava-se à cabeceira, observando Tomás com atenção.

Apesar da tensão prévia, a apresentação foi um sucesso.

A TechHaus aprovou a parceria.

A Trindade Engenharia tinha uma chance real de recuperação.

Tomás permaneceu firme e estratégico durante toda a negociação, e eu mantive meu foco em cada detalhe, acompanhando o ritmo intenso do encontro.

Quando a reunião terminou, a sensação no ar era diferente.

Eu sentia que, pela primeira vez, ele estava satisfeito com um resultado.

E aquilo me atingiu de uma forma inesperada.

Depois do dia caótico, achei que ele simplesmente me dispensaria.

Mas, em vez disso, ele me chamou para sair do prédio com ele.

— Vamos comer alguma coisa.

Não foi um convite. Foi uma decisão.

Caminhamos até uma cafeteria discreta, longe do ambiente corporativo.

Pela primeira vez, não estávamos no escritório.

Pela primeira vez, não éramos chefe e secretária.

A energia era diferente.

Ele pediu um café forte, e eu pedi um cappuccino, porque precisava de algo minimamente reconfortante.

O silêncio entre nós não era incômodo.

Mas eu sabia que ele estava pensando em algo.

E, eventualmente, ele falou.

— Acha que foi humilhante o que aconteceu com Cecília?

Eu não esperava essa pergunta.

Mas respirei fundo antes de responder.

— Acho que foi um jogo de poder.

Ele me olhou de forma avaliativa.

— E você jogaria assim?

Eu dei um gole no café, escolhendo bem minhas palavras.

— Não como você faz. Mas eu entendo.

Ele não respondeu de imediato.

Depois, desviou o olhar, fixando-se na janela da cafeteria, observando o movimento da rua.

— A vida é um jogo de poder. Algumas pessoas fingem que não é. Outras entendem isso e fazem o que precisa ser feito.

Ele girou o copo entre os dedos.

— Eu não queria estar aqui.

A frase foi dita com uma leveza surpreendente.

Mas havia algo pesado por trás dela.

Franzi a testa.

— O que quer dizer com isso?

Ele soltou um riso curto, sem humor.

— Eu nunca quis essa empresa. Nunca quis seguir esse caminho.

Eu absorvi aquilo por um momento.

— E por que continuou?

Ele inclinou levemente a cabeça, me observando como se testasse se valia a pena ser honesto.

Então, falou.

— Porque, às vezes, você não tem escolha.

O silêncio que se seguiu foi carregado de significados.

E, de alguma forma, eu entendi exatamente o que ele queria dizer.

Eu sabia como era carregar um fardo que não se escolheu.

E pela primeira vez, vi Tomás Trindade não apenas como um homem frio e estrategista, mas como alguém que foi moldado pelas circunstâncias.

O jogo de poder, a rigidez, a frieza...

Tudo isso era um reflexo de algo mais profundo.

Algo que, pela primeira vez, ele estava deixando transparecer.

E eu percebi que, de alguma forma, eu estava começando a entender esse homem.

Talvez até mais do que ele gostaria.

Ele se acomodou na cadeira com a postura de sempre—relaxada, mas ainda completamente no controle—e, por um tempo, não disse nada.

O silêncio dele nunca era vazio. Era intencional.

Peguei a xícara, tentando ignorar o desconforto dos sapatos caros nos meus pés. Eles não eram meus. E, por mais que fossem perfeitos, eu não queria dever nada a ninguém.

Respirei fundo e tirei um dos sapatos, empurrando discretamente para o lado dele na mesa.

— Aqui. Não preciso disso.

Ele baixou os olhos para o sapato, observando-o como se fosse um objeto irrelevante, antes de voltar a me encarar.

— E o que quer que eu faça com ele?

Cruzei os braços, impaciente.

— Devolva para Cecília.

Ele soltou um riso curto, quase entediado.

— Se eu devolver, ela vai jogá-los fora.

Pisquei.

— O quê?

Ele girou a xícara entre os dedos.

— Cecília odeia coisas que já foram de outra pessoa. Ela os comprou para si mesma, e se não puder usá-los, não verá valor neles.

Senti meus ombros enrijecerem.

— Ainda assim, eu não quero.

Empurrei o outro sapato na direção dele e recostei-me na cadeira.

— Faça o que quiser com eles.

Tomás não os pegou imediatamente.

Apenas me analisou, como se estivesse tentando me decifrar.

Então, sem pressa, pegou os sapatos e os colocou ao lado da xícara de café.

— Como quiser.

Pensei que ele fosse encerrar o assunto ali, mas então ele acrescentou, quase casualmente:

— Já que estamos falando de Cecília, marquei um jantar com ela hoje à noite.

Meu corpo ficou tenso antes mesmo de entender o motivo.

— Um jantar?

— Uma forma de agradecimento.

Engoli o impulso de perguntar se aquilo fazia parte do jogo dele.

Porque é claro que fazia.

Tomás Trindade não se movia sem um propósito.

Respirei fundo, tomei um gole do meu cappuccino e mantive a expressão neutra.

— Então espero que seja uma noite agradável.

Ele sorriu de canto, sem desviar o olhar.

— Eu também.

O silêncio voltou a se instalar entre nós, carregado de significados que eu não queria analisar naquele momento.

Mas, de alguma forma, tinha a estranha sensação de que essa história estava longe de acabar.

CAPÍTULO 7

O jantar aconteceu.

E eu soube disso não porque Tomás comentou algo no dia seguinte, mas porque Cecília fez questão de demonstrar sua satisfação assim que pisou na empresa.

Ela passou pela recepção com passos exageradamente confiantes, um sorriso afiado nos lábios e a elegância meticulosamente calculada de alguém que sabia que estava em uma posição de vantagem. Cecília era o tipo de mulher que sabia exatamente como ser vista e lembrada.

O salto alto dela ecoou pelo corredor quando passou pela minha mesa, e o olhar que me lançou foi rápido, mas significativo. Um toque de superioridade, uma mensagem silenciosa que dizia "eu venci".

Eu fingi que não percebi.

Não porque não tenha notado, mas porque era exatamente o que ela queria.

E eu não pretendia dar a ela essa satisfação.

Se havia algo curioso sobre Tomás Trindade, era sua capacidade de não demonstrar absolutamente nada quando queria.

Quando chegou à empresa naquela manhã, cumprimentou a equipe com sua costumeira formalidade e seguiu direto para sua sala sem qualquer alteração no comportamento. Sem olhares furtivos, sem sorrisos discretos, sem palavras desnecessárias.

Nenhuma menção ao jantar.

Nenhuma reação ao teatro discreto de Cecília.

Apenas trabalho.

Mas eu o conhecia o suficiente para perceber que o silêncio dele não era apenas ausência de palavras.

Havia algo ali, camuflado sob a normalidade ensaiada.

E aquilo me incomodou mais do que deveria.

O dia transcorreu sem grandes acontecimentos até o final da tarde, quando, por algum motivo, Tomás decidiu sair de sua sala e caminhar até minha mesa.

Isso não era exatamente comum. Ele costumava manter suas interações dentro do necessário, sem se estender ou sair de sua zona de controle.

Mas ali estava ele.

Me observando como se quisesse dizer algo, mas sem pressa para fazê-lo.

Pousei a caneta sobre o caderno e ergui os olhos para ele.

— Algum problema?

— Cecília parece estar de ótimo humor hoje.

A maneira como ele disse isso foi quase provocativa.

Cruzei os braços, mantendo a compostura.

— Imagino que o jantar tenha sido um sucesso, então.

Ele sustentou o olhar por um instante a mais.

Então, sorriu de canto.

— Depende do ponto de vista.

Aquilo despertou minha curiosidade, mas me recusei a perguntar mais. Se ele queria que eu reagisse, que eu demonstrasse interesse, não teria essa vitória.

Voltei minha atenção para os papéis sobre a mesa, mas ele continuou ali.

— E os sapatos?

A pergunta foi casual, mas o tom não era despretensioso.

Ergui os olhos novamente, desta vez com um toque de ironia.

— Aposto que Cecília está ansiosa para tê-los de volta.

Ele riu baixo.

— Não.

Franzi a testa.

Ele deslizou as mãos pelos bolsos do paletó, parecendo se divertir com a minha confusão.

— Ela já os jogou fora.

Pisquei, processando a informação.

— Como assim?

— Cecília não gosta de coisas que já pertenceram a outras pessoas. Você os usou, então para ela já não têm mais valor.

A surpresa que senti foi rapidamente substituída por um sentimento que eu não soube nomear.

Talvez fosse irritação.

Talvez fosse a confirmação de algo que eu já sabia.

Cecília não me via como uma adversária.

Ela me via como um obstáculo incômodo, algo menor, que sequer valia a pena manter na lembrança.

E por algum motivo, aquilo me incomodou mais do que deveria.

— Ótimo. Problema resolvido. — Respondi, voltando minha atenção para os documentos.

Mas Tomás não parecia satisfeito em encerrar o assunto.

Ele se inclinou ligeiramente sobre minha mesa, reduzindo a distância entre nós de um jeito sutil, mas perceptível.

— Você realmente os teria jogado fora, não é?

Eu poderia mentir.

Poderia dizer que não, que os teria guardado, que talvez até os usasse de novo.

Mas não fazia sentido fingir.

— Sim.

O sorriso no rosto dele se alargou um pouco mais.

— Eu sabia.

Algo naquilo me fez sentir que, de alguma maneira silenciosa, eu havia acabado de perder uma pequena batalha.

Mas se havia algo que eu estava aprendendo naquela empresa, era que jogos de poder nunca terminavam com um único movimento.

E eu pretendia jogar até o final.

CAPÍTULO 8

Ana acordou com um peso estranho no peito.

Não era tristeza.

Não era felicidade.

Era algo entre as duas coisas, um estado indefinido que a fez encarar o teto do quarto por alguns minutos antes de finalmente sair da cama.

Já fazia um mês e meio desde que começara seu estágio na Trindade Engenharia, e ela não era mais a mesma pessoa que havia chegado ali insegura, sem saber como funcionava aquele mundo.

Agora, ela entendia muito mais do que apenas as regras do escritório.

Entendia dinâmicas invisíveis.

Entendia Tomás Trindade.

E talvez, no fundo, esse fosse o real motivo desse peso silencioso dentro dela.

Porque entender Tomás significava enxergar coisas que ele mesmo tentava esconder.

E agora, depois daquilo, depois daquele jantar com Cecília, depois daquele jogo de poder que ela assistiu sem dizer nada, Ana não sabia o que fazer com esse conhecimento.

Mas uma coisa era certa: ela não era a mesma Ana que começou esse estágio.

E talvez nunca mais voltasse a ser.

O escritório estava como sempre: organizado, calculado, eficiente.

Nada parecia diferente.

Mas Ana estava.

Quando abriu seu e-mail naquela manhã, encontrou uma nova mensagem.

Remetente: Cecília Norton

Assunto: Retorno urgente

"Ana, peça para Tomás responder minhas mensagens. Preciso falar com ele sobre algo importante."

Ana ficou olhando para o e-mail por um momento, sem saber se o incômodo que sentia era racional ou completamente sem sentido.

Respirou fundo, pegou o tablet com a agenda do dia e seguiu até a sala de Tomás.

Ele estava concentrado em alguns documentos, como sempre, e nem ergueu os olhos quando ela entrou.

— Cecília enviou um e-mail. Quer que você responda as mensagens dela.

Ele continuou escrevendo, sem pressa, antes de finalmente responder:

— Responda você. Algo genérico.

Ana franziu a testa.

— Algo genérico?

Ele fez um leve movimento de cabeça, confirmando.

— Diga que estou ocupado e que falaremos outra hora.

Ela piscou.

Esperava qualquer coisa, menos indiferença.

Cecília era uma mulher intensa, determinada. Ela não era do tipo que aceitaria ser ignorada.

E então, sem que ela precisasse perguntar, Tomás continuou:

— Eu só fui ao jantar porque foi uma forma de agradecê-la. Ela me deu os sapatos, então era educado da minha parte. Mas não há nada além disso.

Ana não sabia exatamente o que esperava ouvir.

Mas não era isso.

— Então... foi só isso?

Ele finalmente ergueu os olhos, analisando-a como se tentasse entender o motivo da pergunta.

— Sim. Cecília é a irmã do meu melhor amigo. Eu gosto dela, tenho respeito, carinho. Mas nada além disso.

Ana assentiu lentamente.

Era a resposta certa. A resposta racional.

Mas, por algum motivo, isso não diminuiu o incômodo.

A tarde seguiu como qualquer outra.

Tomás tinha uma reunião importante marcada, e Ana esperava do lado de fora da sala, revisando a agenda do dia seguinte, quando seu telefone tocou.

Ela estranhou.

Quase ninguém ligava para ela durante o expediente.

Atendeu sem pensar muito.

— Ana Motta, quem fala?

— Aqui é da escola de Matheus Trindade. O menino caiu no recreio e se machucou.

O mundo pareceu girar um pouco mais devagar.

— Ele está bem?

— Sofreu um corte no joelho. Não foi grave, mas como não conseguimos falar com o Sr. Tomás, achamos melhor informar alguém da empresa.

Ana segurou o celular com mais força.

Olhou para a porta fechada da sala de reuniões.

Tomás estava no meio de algo importante.

Ela sabia que ele odiava interrupções, ainda mais quando se tratava de negócios.

Mas Matheus...

Matheus era diferente.

Sem pensar muito, tomou uma decisão.

Foi até a recepção e encontrou Bete.

— Avise Tomás que fui buscar Matheus no hospital. Ele caiu na escola e se machucou.

O rosto da recepcionista se transformou em preocupação.

— Você tem certeza? Quer que eu espere e avise quando ele sair?

Ana balançou a cabeça.

— Não. Ele vai querer saber que alguém já está resolvendo isso.

E, sem mais delongas, pegou a bolsa e partiu.

Matheus estava sentado na maca, com um curativo no joelho e uma expressão de desinteresse absoluto.

Ele olhou para Ana quando ela entrou e ergueu uma sobrancelha.

— Meu pai mandou você?

Ana sorriu de leve e puxou uma cadeira.

— Não exatamente. Mas estou aqui.

Ele a estudou por um momento, como fazia sempre.

Então, relaxou um pouco.

— Dói? — Ela perguntou.

Matheus deu de ombros.

— Já doeu mais.

Ana não sabia se ele estava sendo corajoso ou apenas tentando minimizar a situação.

Mas então, baixinho, ele soltou uma frase que a pegou de surpresa.

— Quando eu caía antes, minha mãe vinha me buscar.

O coração dela pesou um pouco.

— Imagino que ela fosse muito boa com você.

Ele assentiu.

— Ela sabia contar histórias legais.

Ana sorriu.

— E o que mais ela fazia?

— Ela cantava quando eu não conseguia dormir.

O silêncio entre eles foi diferente depois disso.

Menos desconfortável.

Mais real.

Foi então que a porta se abriu e Tomás entrou.

Havia algo diferente nele.

O homem que sempre controlava tudo, que nunca demonstrava emoções desnecessárias, parecia... fora de controle.

Os olhos passaram imediatamente por Matheus e depois por Ana.

Ela viu o alívio mascarado no fundo da expressão dele.

— Está tudo bem? — A voz saiu firme, mas com um leve resquício de preocupação.

Matheus assentiu.

— Foi só um corte.

Tomás suspirou, passando uma mão pelo rosto.

Então, olhou para Ana.

— Você veio sozinha?

— Não ia esperar.

Ele não disse nada.

Apenas assentiu, como se, pela primeira vez, aceitasse que alguém fizesse algo por ele sem que fosse um problema.

Saíram juntos do hospital.

O clima estava diferente.

Quando Matheus pediu sorvete, Tomás não recusou.

Foram para uma sorveteria pequena, e, por um breve momento, nada parecia ter a ver com trabalho, negócios ou contratos.

Matheus ria mais do que de costume.

Tomás parecia menos tenso.

E Ana percebeu que gostava daquela versão deles.

Quando Tomás finalmente a levou para casa, perguntou onde ela morava.

Quando chegaram, ele observou a rua, as casas simples.

Não fez comentários.

Apenas olhou para ela.

— Obrigado.

Foi a primeira vez que ele agradeceu sem obrigação.

E aquilo valeu mais do que qualquer jogo de poder.

Ana desceu do carro.

E, pela primeira vez em muito tempo, sentiu que estava exatamente onde deveria estar.

CAPÍTULO 9

Na manhã seguinte, Ana chegou à Trindade Engenharia sentindo que algo dentro dela havia mudado.

O dia anterior não havia sido comum. Passar tempo com Matheus, ver um Tomás diferente, mais humano, menos calculista... tudo aquilo mexeu com ela de um jeito que ela ainda não sabia explicar.

Enquanto organizava a agenda do dia, sentiu o olhar de Bete sobre ela.

A recepcionista sempre teve um faro apurado para tudo o que acontecia naquela empresa. E, claramente, sabia que algo havia mudado.

— Você foi até o hospital com Matheus. — Bete comentou, casualmente, enquanto organizava alguns papéis.

Ana ergueu os olhos, um pouco surpresa.

— Fui. Ele caiu na escola, e Tomás estava em reunião. Eu tomei a iniciativa.

Bete sorriu, um sorriso que carregava mais significado do que parecia à primeira vista.

— Sabe, ninguém nunca teve contato com o filho do Tomás.

Ana franziu a testa.

— Ninguém?

— Nenhuma secretária, nenhum funcionário. Matheus sempre esteve fora dos limites do escritório. E, de repente, ele deixa você ir buscá-lo no hospital.

Ana desviou o olhar para a tela do computador, tentando disfarçar o impacto daquela informação.

— Talvez ele só não tivesse outra opção.

Bete soltou um riso baixo.

— Ou talvez ele confie em você de um jeito que não confia em mais ninguém.

Ana não soube o que responder.

Porque a possibilidade a deixava inquieta.

E, pior ainda, ela gostava disso.

O silêncio entre as duas permaneceu por alguns segundos antes de Bete continuar.

— Você já se perguntou sobre a mulher dele?

Ana piscou.

— O quê?

— A mãe do Matheus. Você sabe alguma coisa sobre ela?

Ela hesitou.

— Só que ele é viúvo.

— Faz quatro anos.

Ana sentiu um aperto no peito sem entender o motivo.

— Ele nunca se relacionou com mais ninguém depois disso?

Bete deu de ombros.

— Se aconteceu, ninguém ficou sabendo. Tomás nunca foi o tipo de homem que compartilha sua vida pessoal. Ele mantém tudo sob controle,

sempre. Mas, desde que a esposa morreu, nunca esteve com ninguém de forma pública.

Ana absorveu aquela informação em silêncio.

E então veio a pergunta.

A pergunta que ela sabia que viria, mas que ainda assim a pegou desprevenida.

— Você gosta dele?

Ana travou.

O jeito como Bete perguntou foi casual, mas o olhar dela dizia que já sabia a resposta.

Ana forçou um riso curto.

— Claro que não.

Bete arqueou uma sobrancelha.

— Tem certeza?

Ana desviou o olhar.

— Isso não tem nada a ver comigo.

— Se você diz.

Mas Ana sabia que Bete não estava convencida.

E, no fundo, nem ela mesma estava.

O dia seguiu normalmente até que, pouco antes do almoço, Tomás apareceu ao lado da mesa de Ana.

— Preciso resolver algo. Venha comigo.

Ela piscou, confusa.

— Para onde?

— Você vai ver.

Antes que pudesse protestar, ele já seguia em direção ao elevador.

Ela pegou sua bolsa e o acompanhou.

Só percebeu para onde estavam indo quando ele estacionou no shopping.

Ela franziu a testa.

— O que estamos fazendo aqui?

Ele desligou o carro e saiu, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo.

— Compras.

Ela precisou de alguns segundos inteiros para processar.

Quando finalmente saiu do carro e o seguiu, ainda atordoada, disse a primeira coisa que veio à cabeça:

— Se isso for sobre os sapatos, eu já devolvi.

Ele não a olhou, mas riu de leve.

— Não é sobre os sapatos.

— Então é sobre o quê?

Ele parou em frente a uma vitrine, analisando algumas peças.

— Você foi ágil e competente ontem. Isso é um agradecimento.

Ela cruzou os braços.

— Não preciso de presentes.

Tomás finalmente virou-se para encará-la.

— E eu não preciso que você precise.

Ela bufou, exasperada.

— Você tem essa mania de não aceitar recusas, não tem?

Ele deu um meio sorriso.

— Sim.

Antes que pudesse insistir mais, o celular dele tocou.

Ele atendeu, e Ana percebeu que era Miguel.

— E aí, como foi a noite com Cecília? — A voz do amigo saiu bem-humorada do outro lado da linha.

Ana tentou ignorar a própria curiosidade.

Tomás revirou os olhos, exasperado.

— Foi um jantar, Miguel. Não uma revolução.

Miguel riu.

— Ela pareceu bem satisfeita.

— Ela sempre parece satisfeita quando consegue algo.

A resposta foi seca, mas havia algo mais ali.

Ana não pôde evitar perguntar.

— Vocês se conhecem há muito tempo?

Tomás olhou para ela e assentiu.

— Desde a infância. Nossos pais faziam negócios juntos. Crescemos no mesmo ambiente, passamos por muitas coisas juntos. Ele sempre esteve por perto.

Ana achou curioso o tom na voz dele.

— Vocês são muito diferentes.

— Sim. Mas isso nunca impediu nossa amizade. Miguel tem um jeito mais... diplomático. Eu sou mais direto.

Ana sorriu de leve.

— Isso é uma forma educada de dizer que ele é um manipulador e você é um tirano?

Tomás arqueou uma sobrancelha, mas não negou.

— Cada um com suas táticas.

Ana gostou da forma como ele falou sobre Miguel.

Havia respeito. Havia um vínculo real.

E, de alguma forma, aquilo a fez perceber que Tomás não era tão isolado quanto parecia.

Mesmo sendo fechado, mesmo carregando o peso da empresa sozinho, ele ainda tinha alguém em quem confiar.

E isso dizia muito sobre ele.

Depois das compras e da conversa inesperada, o dia se encerrou com um clima diferente.

No carro, enquanto voltavam para casa, Ana percebeu que estava sorrindo mais do que deveria.

Havia sido um dia leve.

Um dia onde Tomás não foi apenas um CEO rígido e controlador, mas alguém que podia, de alguma forma, ser... normal.

Mas o clima mudou sutilmente quando ele estacionou na frente da casa dela.

Ele observou o bairro simples, o tipo de lugar que ele nunca teria imaginado que alguém como ela morava.

— Você mora aqui?

— Sim.

Ele assentiu, pensativo.

Então, virou-se para ela.

E, por um segundo, houve algo no olhar dele.

Algo que não deveria estar ali.

Ana sentiu isso.

O ar parecia mais pesado, carregado de algo indefinido.

Mas, então, ele desviou o olhar, apertando levemente os dedos no volante, como se se segurasse.

E, em vez de dizer qualquer coisa, apenas murmurou:

— Obrigado.

A voz dele não carregava frieza.

Carregava sinceridade.

E aquilo valia mais do que qualquer outra coisa que ele poderia ter dito.

Ana desceu do carro, sentindo o peito apertado de um jeito novo.

E, naquela noite, ela soube que estava perdida.

Porque Tomás Trindade não deveria ser um problema.

Mas, a essa altura, ele já era.

CAPÍTULO 10

O último mês de Ana na Trindade Engenharia chegou como um sussurro, discreto, mas carregado de significado.

Quando ela entrou naquela empresa pela primeira vez, tudo era números, cálculos, organização rígida e pressão por eficiência. Agora, tudo era diferente.

Ela se encontrou ali.

O que antes era desafiante, se tornou um desafio prazeroso. Ela aprendeu, cresceu, se organizou, e agora sentia que pertencia àquele ambiente.

E não apenas pelo trabalho.

Ela e Tomás estavam mais próximos do que jamais imaginou que estariam.

Ele a ensinava sobre administração de um jeito que nenhum livro faria. Com paciência, com exemplos práticos, com conversas que se estendiam além do escritório.

Ela gostava daquilo.

Gostava muito.

E sabia que ele também gostava.

Agora, às vezes, buscava Matheus na escola.

Foi algo que aconteceu naturalmente. Depois do incidente no hospital, percebeu que o garoto confiava nela. E Tomás, por sua vez, confiava nela para isso.

Isso a fez perceber o quanto o tempo havia passado rápido.

Três meses.

E, agora, faltava apenas um.

Tudo estava indo perfeitamente bem.

Até que Cecília percebeu.

Não foi de uma hora para outra.

Ela observou.

Com atenção, com estratégia.

Ana e Tomás estavam sempre juntos.

Havia conversas baixas no corredor, olhares que duravam meio segundo a mais do que deveriam, rotinas que antes eram apenas profissionais e agora pareciam pessoais.

Ela viu isso de longe, e não gostou do que viu.

E, como Cecília nunca foi o tipo de pessoa que ficava parada diante do que não gostava, ela agiu.

A oportunidade surgiu quando Ana não estava no escritório.

Cecília apareceu sem aviso, sem ser anunciada, como se soubesse que aquele era o momento certo.

Tomás estava concentrado em uma análise de contrato quando ouviu a porta se fechar.

Ele ergueu o olhar e viu Cecília ali, encostada no batente, observando-o com uma expressão calma, mas carregada de intenção.

— Sua secretária já está há dois meses aqui, não é? — Ela disse, casualmente, puxando a manga do blazer para ajustá-la melhor.

Tomás estreitou os olhos, sem pressa para responder.

— Está.

Ela sorriu levemente, um sorriso vazio.

— E não acha que está na hora de trocar?

Ele franziu a testa.

— Por quê?

Ela inclinou a cabeça, como se a pergunta não precisasse de resposta.

— Porque mudanças são necessárias. E porque às vezes as pessoas se acomodam onde não deveriam.

O silêncio entre eles foi carregado.

Ele não gostou do que ouviu.

E Cecília percebeu isso.

Mas o que a pegou de surpresa foi o que veio depois.

— Ana é competente.

A voz dele não tinha hesitação.

Definitiva. Firme.

E aquilo fez Cecília perder o controle por um segundo.

Porque nunca, em todos esses anos, Tomás Trindade tinha se dado ao trabalho de defender ninguém daquela maneira.

Ela sentiu o alerta dentro dela acender.

E, pela primeira vez em muito tempo, se sentiu verdadeiramente ameaçada.

Então, sem querer prolongar algo que poderia prejudicá-la mais do que ajudá-la, apenas sorriu, como se nada tivesse acontecido, e saiu da sala.

Mas o incômodo ficou.

E Tomás sabia que aquilo ainda não tinha acabado.

Poucas horas depois, Ana recebeu um e-mail dos gestores.

Assunto: **URGENTE**

Ela abriu rapidamente e sentiu o estômago afundar.

"Ana, precisamos de uma reunião com Tomás imediatamente. A TechHaus cancelou o contrato. Não sabemos o motivo. Precisamos que ele responda com urgência."

O mundo pareceu parar por um instante.

Ana leu as palavras mais uma vez, como se estivesse processando um erro.

Mas não era um erro.

A TechHaus havia cancelado tudo.

O contrato que garantiria a recuperação da Trindade Engenharia havia sido rompido.

E agora, ninguém sabia o porquê.

Ana se levantou e foi direto até Tomás.

Ele estava finalizando algumas anotações quando ela entrou na sala.

E, pela primeira vez, ela viu algo que nunca tinha visto nele.

Surpresa.

— O que foi? — Ele perguntou, percebendo que algo estava errado.

Ela respirou fundo.

— A TechHaus cancelou o contrato.

O silêncio foi brutal.

Tomás parou.

Os olhos dele se fixaram nela, afiados.

— O quê?

— Os gestores acabaram de me mandar um e-mail. Eles querem uma reunião urgente.

Ele levantou-se no mesmo instante.

— Isso é impossível.

Ana manteve a voz calma, mesmo que sentisse a tensão no ar.

— Já estavam com tudo pronto. Mas agora... não sabemos o motivo.

Ele passou uma mão pelo rosto, claramente tentando manter o controle da situação.

— Eles deram alguma explicação?

— Disseram que foi por "motivos internos". Nada específico.

Tomás fechou os olhos por um segundo.

Quando os abriu, a frieza estava de volta.

— Precisamos de uma reunião de emergência. Agora.

A reunião aconteceu trinta minutos depois.

Todos estavam tensos.

Os diretores discutiam, tentavam encontrar explicações, mas nada fazia sentido.

Até que Tomás disse algo que fez o ambiente gelar.

— Se não resolvermos isso, a Trindade Engenharia não se reergue.

O peso daquelas palavras foi avassalador.

E Ana sentiu a urgência no olhar dele.

Ele lutou por essa empresa.

Ela sabia disso.

E sabia o que isso significava para ele.

Então, enquanto todos falavam, Ana tomou sua decisão.

Ela não ia esperar as respostas caírem do céu.

Ela ia encontrar a verdade.

Porque, se havia algo que ela aprendeu com Tomás Trindade, era que problemas não se resolvem sozinhos.

E essa empresa não ia cair.

Não se ela pudesse impedir.

CAPÍTULO 11

Tomás estava exausto.

Era visível em seus olhos, no peso de seus ombros, no jeito que apertava o nó da gravata como se quisesse sufocar a própria frustração. O caos com a TechHaus, as incertezas, o medo de perder a empresa do pai—tudo estava sobre ele como um peso impossível de carregar.

Ana não suportava vê-lo assim.

Por isso, sem pensar duas vezes, ela tomou uma decisão.

— Vamos sair.

Ele piscou, como se não tivesse entendido.

— O quê?

— Sair. Dar um tempo. Você está no limite. Precisa respirar.

Ele soltou uma risada curta e sem humor.

— Você enlouqueceu? Minha empresa está desmoronando e você quer que eu saia?

Ela cruzou os braços.

— Se quer salvar sua empresa, precisa sair. Se quer tomar decisões certas, precisa clarear a mente. E se acha que vai conseguir resolver tudo se afundando em estresse, está se enganando.

Ele não gostou daquilo.

Era possível ver o conflito interno em seu rosto. Ele odiava perder o controle, odiava ser forçado a fazer algo que não estava em sua programação.

Mas, no fim, ele cedeu.

Porque, no fundo, sabia que ela estava certa.

— Uma hora. Nada mais.

Ana sorriu, satisfeita.

— Isso é mais do que suficiente.

Tomás esperava qualquer coisa.

Um restaurante caro, um lugar sofisticado e requintado, algo à altura de sua rotina impecavelmente estruturada.

Mas não esperava uma vendinha de bairro.

Quando Ana o guiou até uma pequena padaria simples, com prateleiras de madeira e um aroma de pão recém-saído do forno, ele ficou parado na entrada, franzindo a testa.

— O que é isso?

Ana pegou um pão recheado do balcão e pagou com uma nota amassada, depois se virou para ele, mastigando com tranquilidade.

— Chama-se “vida real”, Tomás. Você deveria experimentar às vezes.

Ele cruzou os braços, ainda sem entrar.

— Não tem nada aqui.

— Tem tudo que você precisa.

Ele suspirou, mas entrou.

Pediu um café e um salgado, sentando-se na cadeira de metal diante dela, ainda parecendo deslocado.

— Isso não faz sentido. — Ele murmurou.

Ana sorriu de canto.

— A preocupação não resolve nada. Só consome você. Se você não aprende a parar, seu cérebro não funciona.

Ele bufou, incomodado.

Mas, depois de alguns minutos, ele começou a relaxar.

Eles conversaram.

Ana fez algumas piadas sobre como ele era incapaz de se desconectar, e ele respondeu à altura, rebatendo com ironias afiadas.

E, pela primeira vez em muito tempo, Tomás Trindade riu.

De verdade.

E então, sem aviso, ele a olhou de um jeito diferente.

Mais profundo.

Mais real.

— Isso nunca aconteceu comigo antes. — Ele disse, quase sem perceber.

Ana franziu a testa.

— O quê?

Ele bebeu um gole do café e pousou a xícara devagar.

— Me abrir tanto para alguém.

Ela não soube o que responder.

Porque ele estava sendo honesto. Pela primeira vez, sem jogos, sem controle.

E então, ele simplesmente disse:

— Eu não sou de rodeios. Estou começando a gostar de você.

Ana paralisou.

— O quê?

Ele não desviou o olhar.

— Isso é delicado para mim. Tenho um filho. Tenho uma empresa para manter. Mas, de alguma forma, você entrou na minha vida e bagunçou tudo.

Ana sentiu o coração acelerar.

Mas antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, ele continuou:

— E não gosto disso.

A declaração a pegou de surpresa.

— Não gosta?

— Não. — Ele passou a mão pelo rosto, exausto. — Porque isso significa que, pela primeira vez em muito tempo, eu não estou no controle.

Ana abriu a boca para responder.

Mas, nesse exato momento, o celular de Tomás tocou.

Ele atendeu, e seu rosto ficou sério na mesma hora.

— Estou indo agora.

Ele desligou, se levantando de imediato.

— Temos que voltar.

O clima leve e inesperadamente íntimo desapareceu completamente.

E o caminho de volta foi feito em silêncio.

Assim que chegaram ao escritório, Ana percebeu que havia algo estranho.

Os funcionários olhavam para ela de um jeito esquisito.

Sussurros. Olhares desviados.

Havia algo no ar.

Ana olhou para Tomás, esperando que ele dissesse algo.

Mas, quando seus olhos encontraram os dele, ela percebeu que ele também a olhava diferente.

E então, ele disse as palavras que fizeram o chão sumir sob seus pés.

— Você está demitida.

O choque foi instantâneo.

— O quê?

Ele jogou um monte de papéis sobre a mesa.

— Você vendeu informações do nosso projeto para a TechHaus.

Ana sentiu o estômago afundar.

— Eu não fiz isso!

— Os documentos dizem o contrário.

Ela pegou os papéis, as mãos tremendo.

Havia assinaturas, registros, tudo apontando para ela.

Mas era mentira.

Ela sabia que era mentira.

Ela ergueu os olhos, desesperada.

— Tomás, você me conhece. Eu nunca faria isso.

Seu olhar estava gelado.

— Achei que conhecia.

O impacto daquelas palavras foi mais forte do que qualquer outra coisa.

Ele estava decepcionado com ela.

Ele acreditava que ela o havia traído.

E, sem lhe dar chance de se explicar, ele se virou.

Como se nada mais precisasse ser dito.

Ana pegou suas coisas, desnorreada, e saiu.

Quando chegou à rua, a cidade parecia distorcida.

Sua vida tinha virado de cabeça para baixo em questão de minutos.

Ela sentou no ponto de ônibus, segurando os papéis como se fossem uma piada cruel.

Ela tinha sido acusada.

Ela tinha sido traída.

Mas uma coisa era certa.

Ela não deixaria isso assim.

Ela descobriria o que aconteceu.

E limparia seu nome.

Porque Tomás Trindade podia não confiar mais nela.

Mas ela confiava em si mesma.

E não ia parar até provar a verdade.

CAPÍTULO 12

Ana passou a noite em claro.

Não porque queria, mas porque não conseguia parar de pensar em tudo que havia acontecido.

Ela não tinha feito nada.

Não tinha traído ninguém.

Mas estava sendo acusada de um crime que não cometeu.

E se havia uma coisa que Ana Motta não ia aceitar, era ser tratada como culpada sem lutar pela verdade.

Na manhã seguinte, pegou o telefone e ligou para Bete.

— Bete, preciso da sua ajuda.

A voz da recepcionista veio do outro lado da linha, mais preocupada do que hesitante.

— Eu sabia que algo estava errado. Vi a forma como você saiu da empresa ontem. O que está acontecendo?

Ana engoliu em seco, sentindo o peso da incerteza no peito.

— Eu fui demitida, Bete. Me acusaram de vender informações do projeto para a TechHaus. Mas eu não fiz isso.

Do outro lado da linha, o silêncio foi carregado.

Então, finalmente, Bete respondeu:

— Diga o que precisa que eu faça.

Ana sentiu um alívio momentâneo.

Se havia alguém em quem podia confiar ali dentro, era Bete.

Com a ajuda da recepcionista, Ana conseguiu acesso a alguns documentos internos que mostravam os registros de negociação com a TechHaus.

Ela espalhou os papéis sobre a mesa da cafeteria em que estava e começou a analisar cada detalhe.

E, então, as incongruências começaram a aparecer.

Havia datas que não batiam.

Reuniões que teoricamente haviam acontecido em horários que Tomás não estava disponível.

E-mails enviados em seu nome que ela nunca redigiu.

Havia algo errado. Muito errado.

Mas ela ainda não conseguia conectar os pontos.

Então, decidiu ir mais fundo.

Ana passou horas pesquisando tudo o que podia sobre a Trindade Engenharia.

Os sócios.

As parcerias.

As movimentações financeiras.

E então, encontrou algo que a fez gelar.

A Norten Engenharia sempre esteve próxima da Trindade.

Muito mais próxima do que deveria.

A pressão para que a Trindade se unisse à Norten não era recente.

Já fazia anos que Miguel tentava convencer Tomás de que juntos seriam mais fortes.

E, de alguma forma, essa tentativa nunca cessava.

Agora, Ana via tudo com novos olhos.

Não era apenas sobre um contrato rompido.

Era um jogo bem maior.

E a TechHaus desistir tinha beneficiado apenas uma pessoa.

Miguel Norten.

Ana ainda não tinha provas concretas.

Mas então, uma memória atravessou sua mente.

No dia em que a TechHaus cancelou o contrato, quem estava lá?

Cecília.

No mesmo prédio.

Na mesma hora.

Isso poderia ser coincidência?

Poderia.

Mas Ana não acreditava em coincidências.

Não quando Cecília e Miguel estavam sempre um passo à frente.

Eles estavam planejando isso há muito tempo.

E agora, ela precisava descobrir o quanto eles estavam envolvidos.

Ana não hesitou.

Ela foi até a Norten Engenharia.

Entrou na recepção sem marcar horário, passou pelos seguranças e foi direto ao andar onde Cecília trabalhava.

Quando a viu, Cecília ergueu os olhos lentamente, sem demonstrar nenhuma surpresa.

— Ana Motta. — Ela cruzou os braços. — O que devo à honra?

Ana respirou fundo, mantendo a voz firme.

— O que você fez?

Cecília sorriu, o tipo de sorriso de quem já venceu antes mesmo da batalha começar.

— Fiz o que era necessário.

Ana se recusou a se abalar.

— Você armou tudo isso, não foi? Você e Miguel queriam destruir a parceria com a TechHaus para que Tomás não tivesse outra escolha além de vender a Trindade para vocês.

Cecília apoiou o cotovelo na mesa e estudou Ana por um longo momento.

Então, sorriu ainda mais.

— Você é esperta. Mais esperta do que eu imaginava. Mas ainda não o suficiente.

Ana apertou os punhos.

— Você não quer o bem de Tomás. Se quisesse, não tentaria destruir o que ele construiu.

Cecília levantou-se lentamente, aproximando-se de Ana com um olhar frio e calculista.

— E você acha que pode protegê-lo? Que pode salvar a empresa dele? O que você é, Ana? Apenas uma estagiária. Um nome que ninguém vai lembrar daqui a algumas semanas.

Ana sentiu o sangue ferver.

— A diferença entre nós duas, Cecília, é que eu me importo com ele.

O olhar da outra mulher mudou por um instante.

Mas então, o sorriso voltou.

— Então você está atrasada.

Ana franziu a testa.

— O que quer dizer?

Cecília pegou um papel da mesa e o empurrou na direção dela.

— Tomás assina o contrato com Miguel amanhã à tarde.

O mundo de Ana parou.

Se isso acontecesse, seria o fim da Trindade Engenharia.

E Tomás não sabia.

Ele não fazia ideia de que estava caindo em uma armadilha.

Ana pegou o papel, olhou para Cecília uma última vez e saiu dali com um único objetivo.

Impedir essa assinatura.

No dia seguinte, o ambiente na Trindade Engenharia estava carregado.

A reunião estava prestes a acontecer.

A sala estava cheia de executivos, advogados, e Miguel Norton sentado na cabeceira da mesa.

Tomás entrou com a expressão fechada, mas decidido.

Ele iria assinar.

Mas então, a porta se abriu bruscamente.

E Ana entrou.

Afobada, ofegante, com os olhos carregados de algo que ninguém conseguiu ignorar.

— Tomás, não assine isso.

O silêncio na sala foi ensurdecador.

Todos os olhares se voltaram para ela.

Miguel arqueou uma sobrancelha, como se já soubesse que isso aconteceria.

Tomás se virou lentamente, surpreso, mas sério.

— O que você está fazendo aqui?

Ana engoliu em seco.

Mas não recuou.

— Eu posso explicar.

E, naquele instante, sabia que essa era sua última chance.

Se falhasse agora, Tomás perderia tudo.

E ela perderia muito mais do que apenas um emprego.

CAPÍTULO 13

Os olhares na sala de reuniões estavam fixos nela.

Ana não deveria estar ali.

A segurança já estava se movimentando para retirá-la, mas havia algo em sua postura, algo na urgência da sua voz, que fez todos hesitarem por um segundo.

E esse segundo foi tudo o que ela precisava.

— Eu tenho provas. — Ela anunciou, respirando fundo, tentando manter a calma. — Se você assinar esse contrato, Tomás, estará jogando sua empresa nas mãos da pessoa que sempre quis tomá-la de você.

Ele franziu a testa.

— Do que você está falando?

Ela ignorou os olhares, as vozes murmurando ao redor. Caminhou direto até o computador da sala, puxou um pendrive do bolso e conectou à tela principal.

Os seguranças hesitaram. Os gestores também. Mas ninguém a impediu.

Porque queriam saber.

Porque, no fundo, sabiam que algo estava errado.

Quando os slides apareceram na tela, Ana manteve a voz firme.

— Esses documentos foram alterados. A TechHaus nunca desistiu do contrato por problemas internos.

Ela clicou, e na tela apareceu a prova de que os e-mails haviam sido manipulados.

Os horários não batiam.

As assinaturas tinham sido forjadas.

As decisões haviam sido coordenadas externamente.

Ela virou-se para Tomás, segurando seu olhar.

— Isso tudo foi um plano.

Um silêncio pesado caiu sobre a sala.

Então, Miguel se levantou calmamente.

— Isso é ridículo. — Ele riu, mas havia algo forçado no seu tom. —
Você está há três meses aqui e acha que sabe como essa empresa funciona?

Ana não recuou.

— Não sou eu que estou dizendo. São as provas.

Os gestores se entreolharam.

Tomás não disse nada.

A expressão dele era de alguém que queria duvidar, mas não conseguia ignorar o que estava vendo.

E então, a porta se abriu novamente.

E Cecília entrou.

A tensão subiu instantaneamente.

Mas, para surpresa de todos, Cecília não foi até Miguel.

Ela parou ao lado de Ana.

E então, virou-se para Tomás.

— Ela está dizendo a verdade.

O choque foi instantâneo.

— O quê? — Miguel murmurou, incrédulo.

Ela manteve o olhar fixo no irmão.

— Foi você que planejou tudo. Você que montou os documentos falsos.

Ela respirou fundo antes de continuar.

— Eu ajudei. Eu encabecei as acusações contra Ana. Mas agora, vendo tudo isso... não posso continuar do seu lado.

Miguel parecia não acreditar no que ouvia.

— Você enlouqueceu?

Ela segurou a postura.

— Não. Apenas me dei conta do que realmente importa.

O silêncio na sala era avassalador.

Tomás olhou para Miguel com um misto de descrença e raiva.

Por um instante, ninguém se moveu.

Até que Tomás respirou fundo.

E, com a voz firme, disse:

— Eu não vou fazer nada com você, Miguel. Mas nunca mais quero ver você na minha frente.

Os olhos de Miguel escureceram.

Mas ele sabia.

Ele havia perdido.

Sem dizer mais nada, pegou seus pertences e saiu.

Cecília hesitou, como se esperasse que Tomás dissesse algo a ela também.

Mas ele nem a olhou.

E, com isso, ela também se foi.

Os gestores permaneceram em silêncio, ainda tentando processar tudo.

E então, lentamente, um a um, começaram a se virar para Ana.

Porque ela tinha acabado de salvar a empresa.

Tomás saiu da sala apressado, sem olhar para ninguém.

Ana foi atrás.

Ela o encontrou em sua sala, de costas, olhando para a cidade através da enorme janela de vidro.

— Tomás...

Ele não se virou.

Por longos segundos, ele não disse nada.

Então, finalmente falou.

— Você salvou minha empresa.

A voz dele não era apenas grata.

Era algo mais.

Ela engoliu em seco.

— Eu só fiz o que precisava ser feito.

Ele se virou devagar.

O olhar dele estava diferente.

— Não. Você fez mais do que isso.

O silêncio entre os dois foi pesado, intenso.

E então, ele continuou.

— Eu me dediquei a essa empresa por anos. Achei que minha vida era isso. Mas, então, você chegou.

Ele deu um passo à frente.

— E tudo mudou.

Ana não conseguia desviar o olhar.

— Tomás...

Ele ergueu uma das mãos, afastando uma mecha solta do cabelo dela.

— Eu não quero que você seja apenas uma estagiária.

O coração dela acelerou.

— O que você quer, então?

Ele sorriu de leve.

— A mulher da minha vida.

Ana sentiu o ar faltar por um segundo.

Ele estava falando sério.

Ela viu isso nos olhos dele.

E então, antes que pudesse dizer qualquer coisa, ele a beijou.

Foi intenso, carregado de tudo que ficou contido por semanas.

E naquele momento, não havia mais dúvidas.

Não sobre o que sentiam.

Não sobre onde queriam estar.

Ana tinha encontrado seu lugar.

E Tomás tinha encontrado nela tudo o que nunca soube que precisava.

EPÍLOGO – O QUE FICA DEPOIS DA TEMPESTADE

O tempo passou rápido demais.

Depois de toda a tempestade, depois da crise, depois de quase perder a empresa, Tomás viu sua vida tomar um rumo que jamais imaginou.

A Trindade Engenharia se fortaleceu.

Ana cresceu dentro da empresa, tornando-se Gerente de Estratégia e Projetos, uma posição que ela conquistou não por influência, mas por mérito.

E Tomás, um homem sempre tão metódico, tão certo em suas decisões, percebeu que nem todas as coisas em sua vida poderiam ser planejadas.

Porque, de repente, Ana Motta se tornou inevitável.

E foi assim que, em um dia qualquer, ele tomou a decisão mais simples e mais importante de sua vida.

Não houve jantar luxuoso.

Não houve anel escondido em uma taça de champanhe.

Foi simples.

Mas foi exatamente o que deveria ser.

Era um final de tarde. O sol se despedia no horizonte, tingindo o céu com tons de laranja e dourado.

Eles estavam em um dos lugares favoritos de Ana, um parque tranquilo no centro da cidade, um espaço pequeno, mas cheio de vida, onde crianças corriam pelo gramado e casais dividiam bancos de madeira gastos pelo tempo.

Ana segurava um copo de café quente, sentada em um dos bancos, os olhos fixos no movimento das pessoas ao redor.

Tomás não conseguia tirar os olhos dela.

Ela ainda era a mesma mulher que entrou atrasada no primeiro dia de estágio, que derrubou café nele sem saber que ele era seu chefe.

Mas, ao mesmo tempo, ela era completamente diferente.

Era a mulher que mudou tudo.

E ele soube que não precisava de mais tempo, de mais certezas.

Ele apenas sabia.

Sem rodeios, sem preparações, ele simplesmente falou:

— Casa comigo.

Ana paralisou.

Piscou, virando-se lentamente para ele, tentando processar se havia ouvido certo.

— O quê?

Ele segurou a borda do banco, mantendo o olhar firme no dela.

— Você ouviu.

Ela o encarou por alguns segundos, como se procurasse alguma pegadinha naquilo.

— Você está falando sério?

Ele soltou um riso leve, mas não desviou o olhar.

— Quando eu não falei sério?

Ela abriu a boca para responder, mas fechou rapidamente.

Porque ele estava certo.

Tomás Trindade não dizia nada sem absoluta certeza.

E o pedido dele era exatamente isso.

Uma certeza.

Ele não fazia grandes discursos.

Não prometia mundos impossíveis.

Ele simplesmente queria ela.

E Ana soube que não precisava de mais nada além disso.

Então, sem hesitar, ela sorriu.

E disse:

— Sim.

A cerimônia foi simples, mas perfeita.

Eles não precisavam de nada grandioso.

O mais importante estava ali.

Matheus levando as alianças com um sorriso discreto, mas genuíno.

Bete derramando algumas lágrimas escondidas atrás de um lenço.

Os funcionários da empresa sorrindo ao ver o CEO rígido finalmente parecer... feliz.

E quando Ana caminhou até o altar, Tomás não desviou os olhos dela nem por um segundo.

Porque agora ela era parte dele.

E quando o celebrante perguntou se ele aceitava, não houve pausa, não houve dúvida.

— Sim.

A voz dele foi firme. Como sempre.

E quando Ana disse o mesmo, ele soube que essa era a decisão mais certa que já tomou na vida.

Os dias seguiram.

A vida não se tornou mais fácil.

Tomás ainda era teimoso, meticoloso, um homem de poucas palavras e decisões calculadas.

Ana ainda era espontânea, determinada, uma mulher que desafiava tudo que ele achava imutável.

Mas agora, eles tinham um ao outro.

E quando, meses depois, Ana descobriu que estavam esperando um filho, Tomás Trindade – o homem sempre no controle – ficou completamente sem palavras pela primeira vez.

Ela riu.

E ele a puxou para perto.

Então, com a testa colada à dela, sussurrou:

— Parece que você bagunçou minha vida de novo.

E Ana soube que, de todas as decisões que tomou na vida, essa foi a melhor de todas.

Porque o que acontece depois do "sim"?

Para Ana e Tomás, a resposta era simples.

A vida continua.

Mas agora, juntos.



Para ler este e
outros títulos, acesse:
www.baixelivros.com.br



Para ler este e outros
títulos, acesse:
www.baixelivros.com.br